

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento Albuquerque ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	2
Título: Transmissão de energia marca nova política	2
Título: Bolsonaro sugere corte de ICMS caso petróleo dispare com crise no Oriente	3
Título: Bolsonaro diz que retaliação seria 'suicídio'	5
Título: Bolsonaro fala em transmissão de energia sem fio para Roraima	5
Título: Braskem vai remover 17 mil e pagar R\$ 1,7 bi	7
VEÍCULO: Folha de S. Paulo	8
Título: Petrobras vai esperar petróleo acalmar para ajustar gasolina	8
Título: Bolsas recuam em dia de tensões entre Irã e EUA	10
Título: Braskem vai indenizar vítimas de afundamento em Maceió	11
Título: De quem é a culpa	12
VEÍCULO: O Globo	14
Título: Bolsonaro diz que não vai interferir em preço de combustíveis	14
Título: Fator externo	15
Título: Braskem fecha acordo para realocar 17 mil em Maceió	17
Título: Em um mundo sem moderação	19
Título: O pré-sal e a crise EUA-Irã	21
VEÍCULO: Correio Braziliense	21
Título: Preocupação com alta do petróleo	21
Título: Temor de disparada dos preços nas bombas	24

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Data: 04/01/2020****Seção: Editorial****Autor:****Título: Transmissão de energia marca nova política**

O último leilão de 2019 - de transmissão de eletricidade - realizado pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) em 18/12 não deve ser visto como fato isolado, mas como um marco da mudança da política de concessões.

Por isso, mais importante do que terminar “o ano com chave de ouro”, como ressaltou após a licitação **o ministro de Minas e Energia, Bento de Albuquerque**, é que parece se firmar o compromisso do governo de reduzir a presença do Estado como administrador de empresas que podem ser mais bem geridas pelo setor privado.

Os 12 lotes arrematados envolvem 2.470 km de linhas e subestações de transmissão e o compromisso dos vencedores é investir R\$ 4,2 trilhões e gerar quase 9 mil empregos diretos nos 30 anos das concessões. O deságio médio oferecido foi de 60,3% da Receita Anual Permitida (RAP) total. Com isso, os consumidores finais terão economia anual de R\$ 430 milhões e de R\$ 10 bilhões até o final das concessões.

A disputa pelas linhas foi intensa, envolvendo 38 empresas, inclusive da Colômbia, Canadá, Portugal, Espanha e China. O lote mais importante - de linhas de transmissão e de uma subestação no Rio Grande do Sul - foi vencido pela colombiana Companhia de Transmissão de Energia Elétrica Paulista (Cteep), que ofereceu um deságio de 66,85% e investirá R\$ 681,5 milhões. A Cteep ganhou mais dois lotes. Outros vencedores foram os consórcios VSF Transmissoras do Brasil e Nordeste, Montago Construtora, Zopone Engenharia e Comércio, Engepar Engenharia e Participações, Neoenergia e Barolo Participações.

Em 2019, houve leilões nas principais áreas da infraestrutura - portos, aeroportos, ferrovias e energia. Outros leilões, inclusive de transmissão, estão previstos para 2020.

Além disso, concessões estaduais começam a sair do papel, como a Ponte Salvador-Itaparica, na Bahia, licitada pelo governo de um partido (PT) em geral contrário a privatizações e concessões.

Mas um dos maiores leilões previstos para 2020 - o da privatização da holding Eletrobrás - ainda não está definido, pois depende de autorização do Senado Federal. No caso da estatal elétrica, não se trata de obstáculo ideológico, mas fisiológico, pois as subsidiárias da Eletrobrás são conhecidos cabides de empregos bem remunerados que já deram vultosos prejuízos à União.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 04/01/2020

Seção: Economia

Autor: EMILLY BEHNKE, DE BRASÍLIA, COLABOROU LUCIANA DYNIEWICZ

Título: Bolsonaro sugere corte de ICMS caso petróleo dispare com crise no Oriente

Alternativa. Ao comentar possíveis efeitos das tensões entre EUA e Irã nos preços dos combustíveis no Brasil, presidente afirmou que governo não irá interferir na política de reajustes da Petrobrás, mas disse que poderá apelar para que Estados reduzam imposto

Uma alta mais acentuada no preço do petróleo poderia ser compensada no mercado doméstico por reduções na alíquota do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) de combustível, sugeriu o presidente Jair Bolsonaro. Ontem, em decorrência da tensão entre Estados Unidos e Irã, o petróleo Brent subiu 3,55% e o barril fechou a US\$ 68,60 - maior cotação desde 30 de abril.

A medida poderia ser adotada para minimizar o impacto do aumento do petróleo no bolso da população e, ao mesmo tempo, não interferir na política da Petrobrás de reajustar o preço do combustível conforme as oscilações do petróleo no mercado internacional.

Bolsonaro discutiu o assunto ontem com o ministro do Gabinete de Segurança Institucional (GSI), Augusto Heleno, e com o presidente da Petrobrás, Roberto Castello Branco. "Tivemos nossa conversa e temos uma estratégia de como proceder o desenrolar dos fatos. A coisa que mais preocupa é uma possível alta do petróleo (...). A exemplo do que aconteceu (em setembro) na Arábia Saudita, no ataque de drones (à maior instalação de processamento de petróleo do mundo), em poucos dias (o preço) voltou a normalidade. A gente espera que aconteça agora também", disse Bolsonaro a jornalistas.

Segundo o presidente, se o petróleo continuar subindo, “uma providência” pode ser tomada. “Nós (o governo) temos uma linha de não interferir (na política de reajuste da Petrobrás). Acompanhar e buscar soluções. A gente apela para governadores. Vamos supor que aumente 20% o preço do petróleo, vai aumentar em 20% o preço do ICMS. Não dá para uns governadores cederem um pouco nisso também? Porque todo mundo perde. Quando você mexe em combustível, toda a nossa economia é afetada”, declarou.

O ICMS é um imposto estadual e representa, em média, um terço do custo final dos combustíveis. Durante a greve de caminhoneiros, em maio de 2018, o governo Michel Temer zerou a Cide (Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico) e reduziu o PIS/Cofins incidente sobre o diesel, mas também cobrou dos governadores que contribuíssem para a queda do preço do combustível. Sem sucesso: negociações para alterar a base de incidência do ICMS e para estabelecer uma alíquota máxima para o imposto não avançaram.

Pela legislação atual, cada Estado define sua alíquota de ICMS sobre os combustíveis. O imposto estadual incide sobre o preço médio de cada combustível - valor atualizado pelo Conselho Nacional de Política Fazendária (Confaz).

Cada vez que o petróleo sobe ou que o dólar se valoriza ante o real, o preço do combustível aumenta e, conseqüentemente, a arrecadação dos Estados também é reforçada. Já os impostos federais, como PIS/Cofins e Cide, têm um valor fixo sobre o volume do combustível - e, por isso, não são afetados em momentos de alta do petróleo ou do câmbio.

Em comunicado, a Petrobrás informou que segue monitorando o mercado internacional e que, segundo suas práticas de precificação vigentes, não há periodicidade definida para reajustes. “A empresa (...) decidirá oportunamente sobre os próximos ajustes nos preços.”

Bolsa. O mercado acionário reagiu com cautela ao ataque dos EUA ao Irã. “Os investidores vinham otimistas e um fato desse gera uma parada para reavaliação do cenário. Ainda não há elementos suficientes para uma onda de aversão ao risco”, disse o economista Silvio Campos Neto, da Tendências Consultoria. O Ibovespa recuou 0,73%, aos 117,7 mil pontos. Enquanto as bolsas americanas tiveram queda, a de Londres e a de Paris subiram 0,24% e 0,04%, respectivamente.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Data: 04/01/2020****Seção: Internacional****Autor: BÁRBARA NASCIMENTO, ALTAMIRO SILVA JUNIOR, BRUNO NOMURA, MATEUS VARGAS e FELIPE FRAZÃO****Título: Bolsonaro diz que retaliação seria 'suicídio'**

O presidente Jair Bolsonaro minimizou ontem o aumento das tensões entre Irã e EUA e seus efeitos de longo prazo sobre o preço do petróleo. Em entrevista à TV Bandeirantes, o presidente afirmou acreditar que os iranianos “difícilmente” vão retaliar os americanos após a morte do general Qassim Suleimani.

Bolsonaro disse ainda que Irã e Brasil mantêm conversas sobre exportação de alimentos, mas destacou que “países que dão cobertura a terroristas ficam cada vez mais para trás”. O presidente afirmou desconhecer o poder bélico do Irã, mas acredita que o país não responderá: “É suicida da parte deles”, disse.

Bolsonaro também avaliou que, em um conflito militar, “perde o mundo todo” e defendeu que o posicionamento do Brasil seja “pacífico”. “Afinal de contas, nós não temos forças armadas nucleares, como alguns países têm.” Bolsonaro defendeu o presidente americano, Donald Trump: “Acho que o Trump não está fazendo campanha política em cima disso, não. Quando o Bin Laden deixou de existir se aventou essa possibilidade, mas o americano tem uma linha muito séria no tocante ao combate ao terrorismo”. Em nota, o Itamaraty apoiou ontem a noite a “luta contra o flagelo do terrorismo”.

O comunicado não menciona o nome do comandante militar morto na ação e diz que o Brasil está “pronto a participar de esforços internacionais que contribuam para evitar uma escalada”. A Embaixada do Brasil em Bagdá recomendou ontem que não sejam feitas viagens ao país em razão do “quadro de incertezas e especulações” após o ataque.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Data: 04/01/2020****Seção: Economia****Autor:****Título: Bolsonaro fala em transmissão de energia sem fio para Roraima**

Presidente diz que vai ao EUA para conhecer nova tecnologia, mas especialistas dizem que é improvável uso no País

O presidente Jair Bolsonaro disse ontem que vai aos Estados Unidos no próximo mês para conhecer uma solução de “transmissão de energia elétrica sem meios físicos”, mas a tecnologia apontada pelo governante como eventual solução

para problemas de suprimento em Roraima é algo distante da realidade, improvável de ser aplicada atualmente, segundo especialistas.

O Estado da Região Norte tem enfrentado dificuldades energéticas porque era abastecido principalmente por importações da Venezuela, e o projeto de um linhão de transmissão visto como saída para a situação se arrasta há anos em meio a dificuldades de obtenção de licença ambiental para início das obras.

A afirmação do presidente a jornalistas, no entanto, causou estranhamento entre especialistas, que apontaram que sistemas para transmissão de eletricidade sem fio, quando existem, são ainda experimentais e aplicáveis apenas em pequena escala.

“Em fevereiro vou estar nos Estados Unidos, vou lá visitar empresários, que são militares... vão me apresentar transmissão de energia elétrica sem meios físicos. Se for real, de acordo com a distância, que maravilha! Vamos resolver o problema de energia elétrica de Roraima passando por cima da floresta”, disse Bolsonaro ontem cercado por apoiadores na saída do Palácio da Alvorada.

Especialistas do setor de transmissão de energia, no entanto, questionaram a possibilidade de uma solução inovadora como a citada pelo presidente ser aplicada no Estado, que tem população estimada de 605 mil pessoas.

“Obviamente que isso é uma meta, é um sonho chegar a esse ponto. Eu sei que há pesquisas realmente nessa área, mas até onde se sabe isso está limitado a baixíssimas potências. Está muito longe de ser o que é necessário (para Roraima)”, disse o professor aposentado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Ruy Carlos Ramos de Menezes.

Futuro. “Certamente é uma coisa para o futuro, tudo indica que haverá (a tecnologia). Agora, a preocupação com Roraima imagino que seja muito mais imediata. Achar que essa tecnologia é solução para o linhão é realmente um disparate”, acrescentou.

O professor Dorel Ramos, da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (USP), afirmou que só conhece aplicações comerciais que conseguem evitar a construção de subestações de energia com o uso da chamada indução para alimentar pequenas comunidades, mas ainda assim é necessária uma linha de transmissão.

“Isso existe há muito tempo, mas é muito restrito a questões específicas. Não é uma transmissão sem fio ampla, geral e irrestrita... Roraima é um Estado, não é uma pequena carga, e ‘sem meio físico’ é forma de falar. Simplesmente você evita fazer uma subestação, mas se não tem uma linha de transmissão de alta tensão você não consegue fazer nada”, afirmou.

“Não sei se é disso que ele está falando, não sei se tem outro tipo de tecnologia, mas que eu saiba não tem nada... solução que existe para grande escala é com fio.”

REUTERS

Para o futuro

“Certamente é uma coisa para o futuro, tudo indica que haverá (a tecnologia). Agora, a preocupação com Roraima imagino que seja muito mais imediata. Achar que essa tecnologia é solução para o linhão é realmente um disparate.”
Ruy Carlos Ramos de Menezes.

PROFESSOR APOSENTADO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RS

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 04/01/2020

Seção: Metrópole

Autor: Paula Felix Pepita Ortega Fausto Macedo

Título: Braskem vai remover 17 mil e pagar R\$ 1,7 bi

Petroquímica fechou acordo na Justiça para remoção e reparação a moradores de bairros de Maceió que convivem com afundamento

A gigante petroquímica Braskem chegou a um acordo para pagar R\$ 1,7 bilhão e remover 17 mil moradores de uma área de Maceió afetada por rachaduras e afundamento cuja principal suspeita de origem é a extração de sal-gema por parte da empresa. O acordo com os Ministérios Públicos Estadual e Federal e as Defensorias Públicas de Alagoas e da União foi celebrado para a adoção de medidas urgentes destinadas à realocação dos moradores, que deverão ser removidos em até dois anos. A empresa é apontada por estudos do Serviço Geológico do Brasil como a principal responsável pelo desastre em andamento, mas diz que ainda não é possível estabelecer a relação entre suas atividades e o fenômeno. A matéria-prima é usada na fabricação de soda cáustica e PVC pela Braskem.

Em novembro, a empresa anunciou o fim das atividades de extração na cidade. Um documento elaborado por agências do Sistema Nacional de Proteção e Defesa Civil apontou que uma área equivalente a 78 campos de futebol (78 hectares) terá de ser evacuada. O ajuste estabelece as ações cooperativas para a desocupação das áreas localizadas nos bairros Pinheiro, Mutange, Bebedouro e Bom Parto, apontadas como de maior risco. Nos quatro bairros da capital alagoana, a situação afeta mais de 40 mil pessoas. O Termo de Acordo para Apoio na Desocupação das Áreas de Risco, no âmbito de ação civil pública

indenizatória já ajuizada anteriormente, foi protocolado ontem. O texto prevê depósito inicial de R\$ 1,7 bilhão para custeio do Programa de Compensação Financeira e Apoio à Realocação. A empresa também informou que manterá dois seguros-garantia – um de R\$ 2 milhões e outro de R\$ 1 bilhão, para cobrir eventuais reparações ambientais.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 04/01/2020

Seção: Mercado

Autor: Nicola Pamplona e Ricardo Delia Coletta

Título: Petrobras vai esperar petróleo acalmar para ajustar gasolina

Bolsonaro diz que tomará providência caso preços de combustíveis disparem

RIO DE JANEIRO E BRASÍLIA- A Petrobras vai esperar o mercado de petróleo se acomodar antes de decidir por reajustes nos preços dos combustíveis para responder à escalada das cotações internacionais após o assassinato do general iraniano Qassim Suleimani na madrugada desta sexta-feira (3).

O presidente Jair Bolsonaro prometeu providências caso a escalada da crise no Oriente Médio leve a disparada no preço do petróleo. Ele frisou, porém, que alinha do governo é a de não interferir na política de preços da estatal.

A cotação do petróleo tipo Brent, negociado em Londres e usado como referência internacional, subiu cerca de 3,50% diante de incertezas sobre os impactos no fornecimento da matéria-prima em meio a tensões na região.

A Folha apurou, entretanto, que a Petrobras vai repetir estratégia adotada após os ataques à refinaria na Arábia Saudita, em setembro, quando esperou por dois dias a definição de novos patamares de preços. Naquela ocasião, o preço da gasolina subiu 3,5% e o do diesel, 4,2%.

A lógica é a de aguardar o mercado se acalmar, para evitar repassar ao consumidor a volatilidade no mercado internacional.

A postura reforça expectativa de investidores com relação à nova gestão da política de preços da estatal.

“O [presidente da Petrobras] Roberto Castello Branco mudou a política de reajustes diários e deve esperar mais um pouco para ver como se comportam os preços internacionais”, diz o analista Petrobras reflete preços do petróleo e abre em alta, mas perde força ao longo do dia.

Em nota, a estatal afirmou que “segue com o processo de monitoramento do mercado internacional” e acrescentou que “de acordo com suas práticas de precificação vigentes, não há periodicidade predefinida para a aplicação de reajustes” dos combustíveis.

“A empresa seguirá acompanhando o mercado e decidirá oportunamente sobre os próximos ajustes nos preços”, completou a Petrobras.

Bolsonaro confirmou a estratégia em entrevista após visitar a primeira-dama Michelle no hospital, onde ela se recupera após procedimentos cirúrgicos estéticos realizados na quinta (2).

“Conversei com o presidente da Petrobras e, a exemplo do que aconteceu na Arábia Saudita, o ataque de drones, em poucos dias volta à normalidade. Agente espera que aconteça agora também”, disse, frisando que, se as cotações continuarem a subir, “tem que tomar providência”.

“Eu conversei com o **almirante Bento [Albuquerque, ministro de Minas e Energia]**, eu conversei com o presidente da Petrobras, o Paulo Guedes [ministro da Economia], e nós temos uma linha de não interferir. [Vamos] acompanhar e buscar e soluções”, declarou.

Como medida alternativa, ele sugeriu que governadores abram mão de possíveis ganhos com a arrecadação do ICMS caso haja um incremento do preço do petróleo, para reduzir o impacto da variação na ponta para os consumidores.

“A gente apela para governadores. Vamos supor que aumente 20% o preço do petróleo. Vai aumentar 20% o ICMS. Não dá para os governadores cederem um pouco nisso também? Porque todo mundo perde. Quando você mexe em combustíveis toda a nossa economia é afetada nesta questão”.

A Petrobras reajustou a gasolina pela última vez no dia 27 de novembro, com alta de 4%. Já o preço do diesel foi elevado em 3% no dia 21 de dezembro, o terceiro aumento em pouco mais de um mês.

A política de preços da estatal prevê o acompanhamento de um conceito conhecido como paridade de importação, que inclui as cotações internacionais do petróleo, a taxa de câmbio e custos para trazer os produtos ao país.

Para o analista da Oanda Edward Moya, as cotações do Brent devem ultrapassar os US\$ 70 (R\$ 283, ao câmbio atual) na semana que vem e podem se manter nesse patamar, já que o mercado pode começar a trabalhar com a possibilidade de conflito militar limitado nas próximas semanas.

Para o pesquisador visitante da UFBA (Universidade Federal da Bahia) e coordenador-técnico do Ineep (Instituto de Estudos Estratégicos de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis), Rodrigo Leão, o comportamento das cotações do petróleo vai depender da reação de Rússia e China, que já declararam apoio ao Irã.

“Se a Rússia se envolver de forma intensa, pode haver uma elevação mais abrupta das cotações”, avalia. Para ele, porém, ainda é cedo para fazer projeções. “[A postura da Petrobras] é uma postura correta, prudente”, afirma.

Um cenário de cotações em alta tornaria inevitável o reajuste nos preços internos dos combustíveis. A manutenção do petróleo em patamares mais elevados, lembra Galdi, tem efeitos na inflação e pode alterar planos dos bancos centrais ao redor do mundo.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 04/01/2020

Seção: Mercado

Autor: Isabela Bolzani

Título: Bolsas recuam em dia de tensões entre Irã e EUA

São Paulo- O otimismo que tomou conta dos mercados financeiros globais no primeiro pregão do ano foi diluído nesta sexta (3), diante da notícia de ataques aéreos por parte dos Estados Unidos no aeroporto de Bagdá, no Iraque.

O Ibovespa (principal indicador do desempenho médio das ações negociadas na B3) encerrou o segundo pregão do ano com queda de 0,73%, aos 117.706 pontos. Em ambiente de tensão, o volume de negócios atingiu R\$ 29,1 bilhões — muito acima da média diária do ano passado, que foi de R\$ 17 bilhões.

Com o noticiário doméstico fraco, o Ibovespa passou o dia acompanhando a queda nas Bolsas internacionais. Os principais mercados do mundo encerraram em queda (veja acima). A queda foi menor que a valorização da véspera.

O principal reflexo da crise entre Estados Unidos e China foi a alta nos preços do petróleo. O barril do Brent chegou a subir mais de 4%, mas fechou em alta de 3,70%.

Na esteira da alta do petróleo, as ações da Petrobras chegaram a começar o dia em alta, mas cederam durante o dia.

Durante a manhã, o presidente Jair Bolsonaro afirmou que conversaria com o presidente da Petrobras, Roberto Castello Branco e com o ministro da Economia, Paulo Guedes, sobre os riscos de uma possível alta de combustíveis

no país devido ao ataque ao Iraque. “Que vai afetar, vai. Agora vamos ver o nosso limite aqui”, disse afirmou.

As ações preferenciais da Petrobras (mais negociadas) terminaram o pregão em queda de 0,81%, a R\$ 30,45. Já as ordinárias (com direito a voto) tiveram queda de 2,46%.

Segundo relatório da Guide Investimentos, as ações da Petrobras tiveram um movimento brusco ao longo do dia.

“De um lado, a alta no preço do petróleo, em função da escalada de tensões entre EUA e Irã, impulsionou as ações da petroleira acima. Na contramão, a notícia de que o BNDES deve se desfazer de sua participação de 10% na empresa em um follow-on [oferta subsequente de ações] no dia 4 de fevereiro criou forças no movimento contrário”, informa o relatório da corretora.

Na esteira dos papéis que também podem ter sofrido influência do petróleo estão as companhias aéreas. No mercado brasileiro, a Gol encerrou com queda de 3,41%, enquanto Azul recuou 3,46%.

Segundo a XR a visão é positiva para o Ibovespa, mas incertezas quanto a extensão da disputa entre Irã e Estados Unidos pode gerar mais volatilidade para os mercados.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 04/01/2020

Seção: Cotidiano

Autor:

Título: Braskem vai indenizar vítimas de afundamento em Maceió

Empresa é apontada como responsável por rachaduras e vai compensar 17 mil em área afetada

São Paulo | Reuters- A Braskem anunciou nesta sexta (3) que acertou com autoridades federais e estaduais de Alagoas acordo para reparação de prejuízos a milhares de vítimas de fenômeno de afundamento e rachaduras de solo que atinge a capital do estado há meses.

O fenômeno que atinge os bairros de Mutange, Bom Parto, Pinheiro e Bebedouro foi atribuído no ano passado pelo Serviço Geológico do Brasil a atividades de extração de sal da Braskem. A companhia contesta os estudos do órgão.

O acordo, que envolve o Ministério Público Federal, o Ministério Público de Alagoas e as Defensorias Públicas da União e de Alagoas, prevê a criação de programa de apoio à desocupação de áreas em quatro bairros da capital alagoana que envolverá cerca de 17 mil moradores, segundo estimativas preliminares da Braskem.

A companhia afirmou que a provisão para o programa de compensação financeira e re-alocação das vítimas é estimado em cerca de R\$ 1,7 bilhão e que outro R\$ 1 bilhão será necessário para as ações de fechamento de poços de salgema da empresa em Maceió.

Casas de quatro bairros da capital alagoana estão sendo afetadas por afundamentos de terra, rachaduras, fendas e trincas. Segundo relatório elaborado por agências vinculadas ao Ministério do Desenvolvimento Regional, a área comprometida é de 78 hectares (780 mil m²).

Conforme a Folha mostrou em março, as atividades de mineração da Braskem na extração de sal-gema em um local de falha geológica são a principal causa dos afundamentos e das rachaduras nos imóveis.

O problema se intensificou em 2018, quando tremores de terra foram registrados em uma área que compreende 2,2 milhões de m², onde residem cerca de 20 mil de pessoas. Desde então, a vida dos moradores mudou radicalmente.

Eles passaram a conviver com simulados de evacuação de imóveis, cortes temporários de energia, fechamento de prédios públicos e estabelecimentos comerciais e até mesmo saques em residências que foram abandonadas.

De acordo com estudo do governo federal, a área de risco compreende 6.048 residências e lotes. A área compreende, ainda, quatro hospitais, três unidades de saúde e 12 escolas municipais e estaduais.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 04/01/2020

Seção: Colunas

Autor: Mariana Carneiro (interina)

Título: De quem é a culpa

Painel

A ameaça de aumento do preço dos combustíveis, em razão do conflito dos EUA com o Irã, monopolizou as conversas de caminhoneiros nesta sexta (3). Lideranças acionaram ministros e querem levar as queixas diretamente ao

próprio presidente Jair Bolsonaro. O alvo é a política de reajustes da Petrobras. A avaliação é que medidas como a tentativa de retirar os radares das estradas não aliviam a categoria, e o problema de fundo, a alta do diesel nas bombas, seguiu a pleno vapor em seu governo.

Orelha quente

Onyx Lorenzoni (Casa Civil), Tarcísio de Freitas (Infraestrutura) e Osmar Terra (Cidadania) foram procurados. A reclamação é que o preço já está alto e qualquer reajuste extra, mesmo que em percentual pequeno, pode entornar o caldo.

Quem te viu

Dedeco, uma das lideranças da categoria do Sul do país, afirma que Bolsonaro perdeu o pulso firme que dizia ter na campanha eleitoral. “O preço do combustível não pode acompanhar o dólar.”

Sempre ela

Chorão, que mobiliza caminhoneiros no Centro-Oeste, diz que o lucro da Petrobras “é exorbitante” e que a briga contra a política da empresa começa nos próximos dias, com o apoio de motoristas de aplicativos.

Morde e assopra

Apesar do alinhamento voluntário a Donald Trump, Jair Bolsonaro foi aconselhado por auxiliares a não tomar lado no conflito entre EUA e Irã e a se restringir a condenar ações terroristas que seriam patrocinadas pelos iranianos.

Eu que sei

Em entrevista ao Brasil Urgente, da Band, o presidente repreendeu o Irã por suposto envolvimento em ataques na Argentina, nos anos 1990. Diferentemente de Bolsonaro, porém, o país vizinho não se pronunciou sobre o ataque americano.

Roaming

O presidente recebeu orientações do chanceler Ernesto Araújo e o assessor especial Filipe Martins, além dos presidentes do Banco Central e da Petrobras. A crise pegou alguns deles no recesso.

Roaming 2

Ernesto Araújo está de férias fora de Brasília e despachou por telefone. Castello Branco, cujo primeiro contato fracassou, como narrou Bolsonaro, retornou a ligação do presidente.

Número 2

Eduardo Bolsonaro, o filho do presidente que opina sobre política externa, também está fora e não participou da avaliação do governo.

com Thais Arbex e Carolina Linhares

VEÍCULO: O Globo

Data: 04/01/2020

Seção: Economia

Autor: DANIEL GULLINO

Título: Bolsonaro diz que não vai interferir em preço de combustíveis

BRASÍLIA- O presidente Jair Bolsonaro disse ontem que não vai interferir na Petrobras para impedir que a alta na cotação do petróleo causada pela crise no Oriente Médio seja repassada aos combustíveis no Brasil. Ele afirmou que o governo tentará tomar providências que suavizem o repasse e sugeriu que governadores cortem o ICMS sobre o produto: — Converso com **o almirante Bento (Albuquerque, ministro de Minas e Energia)**, converso com o presidente da Petrobras (Roberto Castello Branco), com o Paulo Guedes (da Economia) e nós temos uma linha de não interferir — disse, após visitar a primeira-dama, Michelle Bolsonaro, no hospital.

Para o presidente, a redução do ICMS seria uma solução: — (Vamos) acompanhar e buscar soluções. A gente apela para os governadores. Vamos supor que aumente 20% o preço do petróleo. Vai aumentar 20% o preço do ICMS. Não dá para os governadores cederem um pouco nisso? Todo mundo perde. Quando você mexe em combustível, toda a economia é afetada.

A política da Petrobras prevê paridade com a cotação internacional. A estatal disse, em nota, que monitora o mercado internacional. “A companhia ressalta que, de acordo com suas práticas de precificação vigentes, não há periodicidade predefinida para a aplicação de reajustes. A empresa seguirá acompanhando o mercado e decidirá oportunamente sobre os próximos ajustes nos preços.”

Para Bolsonaro, a pressão sobre o preço do petróleo deve acabar “em poucos dias”. Pela manhã, ele havia admitido impacto da alta do óleo sobre os

combustíveis no Brasil: — Que vai impactar, vai. Agora, vamos ver o nosso limite aqui. Se subir... Já está alto o combustível, se subir muito, complica.

VEÍCULO: O Globo

Data: 04/01/2020

Seção: Economia

Autor: CASSIA ALMEIDA E PEDRO CAPETTI

Título: Fator externo

Analistas veem risco de aumento do protecionismo, o que afetaria Brasil

A preocupação com possíveis desdobramentos do ataque americano que causou a morte do general iraniano Qassem Soleimani, levou o Ibovespa, principal índice da Bolsa brasileira, a cair 1,2% na abertura dos negócios. Acabou encerrando em queda de 0,73%, aos 117.706 pontos, depois de ter registrado um novo recorde na véspera. Em Nova York, o índice Dow Jones recuou 0,81%, e o S&P, 0,71%. Já o barril do petróleo tipo Brent encerrou em alta de 4,09%, cotado a US\$ 68,70.

Com isso, o cenário externo ficou mais ameaçador para a economia brasileira, que ensaia uma recuperação mais forte. Economistas ainda esperam o desdobramento da ação americana para avaliar as consequências na economia mundial e brasileira, mas, a curto prazo, espera-se impacto no preço do petróleo e na cotação do dólar, bem como uma maior aversão a risco dos investidores globais a emergentes como o Brasil. Luís Afonso Lima, presidente da Sociedade Brasileira de Estudos de Empresas Transnacionais e Globalização Econômica (Sobeet), acredita que o protecionismo, que já cresceu nos últimos anos, deve aumentar. No ano passado, as restrições, barreiras e sanções comerciais cresceram 27% frente a 2018, diz Lima:

— Não deve ser um evento passageiro, como tivemos em 2019 (com o bombardeio por drones de uma refinaria na Arábia Saudita). Há motivações políticas dentro do Irã, que já estava se ressentindo do embargo por causa das armas nucleares. Há eleições nos Estados Unidos este ano, e o evento pode melhorar a popularidade de Donald Trump. Por esses motivos, talvez tenhamos um conflito mais acentuado do que no ano passado. Isso tende a aumentar o protecionismo.

A Capital Economics estima que o conflito no Oriente Médio pode reduzir o PIB global em 0,3% este ano.

— Esse evento (o ataque) provocou uma mudança do clima, que estava positivo nos últimos dias. Agora, os possíveis desdobramentos são pouco claros,

o que, no curto prazo, gera uma aversão a risco — diz Silvio Campos Neto, economista da Tendências.

Para Armando Castelar, economista da Fundação Getulio Vargas (FGV), ainda é cedo para traçar um quadro mais claro das consequências do ataque: — Há muito mais o receio do que pode vir pela frente do que o fato isolado. Do ponto de vista da economia é ruim, gera mais risco de tumulto na região e implicações para o preço do petróleo. O episódio pode sair do radar daqui a três dias, ou ganhar uma dimensão maior.

Castelar lembra que os americanos são muito sensíveis à alta dos preços dos combustíveis, o que não seria muito interessante para a Casa Branca em ano de eleição: — Nesse sentido, uma escalada nesse conflito me surpreenderia — diz Castelar, em opinião contrária à de Lima, que vê ganhos eleitorais para Trump.

O Citibank estima que o barril do Brent pode superar os US\$ 70. Mas, para o economista Rodrigo Leão, coordenador técnico do Instituto de Estudos Estratégicos de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (Inep), uma alta mais significativa dependerá de como os países da região, Rússia e China vão se posicionar em relação ao ataque: — Veremos oscilações, e pode haver um aumento relevante. Em um Brasil que importa 17% do consumo interno, bem mais que os 5% de 2009, vai haver pressão para repasse nos preços.

Para André Hachem, analista de Óleo e Gás do Itaú BBA, a valorização da commodity é boa para a Petrobras, que é exportadora e atua em uma região sem conflitos.

— Estamos em uma região estável, e a produção brasileira não deve ser afetada. O risco é os preços do diesel e da gasolina aumentarem. A Petrobras tem estoque e um bom nível de hedge (proteção contra oscilações na cotação). Ela não precisa necessariamente ajustar agora. A companhia tem sido muito hábil em administrar esses momentos. Em setembro, quando a cotação aumentou 13%, ela não repassou imediatamente.

Mas, apesar da valorização do petróleo no mercado externo, as ações ordinárias (ON, com direito a voto) da Petrobras caíram 2,47%, cotadas a R\$ 31,99. Já os papéis preferenciais (PN, sem voto) recuaram 0,81%, a R\$ 30,45.

O dólar comercial subiu 0,82%, a R\$ 4,056. Já o Dollar Index, da Bloomberg, que acompanha a divisa frente a uma cesta de moedas, encerrou estável.

No mercado internacional, o ouro atingiu seu maior nível desde setembro: US\$ 1.551 a onçatroy (31,1g), com valorização de 1,6%.

ENTREVISTA Luís Afonso de Lima, ECONOMISTA

PISO DO DÓLAR FICARÁ EM R\$ 4,25'

CÁSSIA ALMEIDA

Quais serão os efeitos desse conflito para o Brasil?

O ataque aconteceu quando a economia brasileira está buscando abertura comercial, com os parceiros comerciais aumentando o protecionismo. Isso prejudica nossas exportações e o déficit em transações correntes (contas do Brasil com o resto do mundo). A taxa de câmbio vai fazer frente a esse contexto. Ela vai se desvalorizar mais do que o mercado imagina. O piso do dólar vai ser de R\$ 4,25 (o mercado estima R\$ 4,08), diante do conflito protecionista e de uma atividade econômica mundial acomodada, sem crescimento global.

Pode afastar o investidor?

Em outros momentos de crise e conflito, o investidor ficou muito mais receoso, avesso a risco. O movimento de redução dos investimentos globais, que já estava em curso, vai se acentuar, com receio de expansão do conflito. O investimento direto global já caiu de US\$ 1,8 trilhão em 2018 para R\$ 1,6 trilhão, com o fim da cobrança de Imposto de Renda da pessoa jurídica nos Estados Unidos.

Dá sua previsão que o dólar ficará mais caro?

Nossa taxa de câmbio não reflete os fundamentos do balanço de pagamentos. Nossas exportações estão caindo, e as de soja devem diminuir ainda mais. Temos o efeito da queda de venda de carros para Argentina, e outros países estão reduzindo as compras do Brasil. O saldo comercial (diferença entre exportações e importações) deve cair US\$ 20 bilhões (em 2019, ficou em US\$ 46 bilhões, o menor em quatro anos). O déficit em transações correntes já está em 2,8% do PIB (Produto Interno Bruto). Se não fosse o investimento estrangeiro direto, estaríamos em uma situação pouco confortável no balanço de pagamentos. Isso tende a se agravar, com a correção maior da taxa de câmbio.

VEÍCULO: O Globo

Data: 04/01/2020

Seção: Economia

Autor: HENRIQUE GOMES BATISTA

Título: Braskem fecha acordo para realocar 17 mil em Maceió

Solo afundou em área de extração de sal gema. Empresa pagará R\$ 1,7 bi

SÃO PAULO- A Braskem fechou ontem um acordo com autoridades federais e estaduais de Alagoas para reparar prejuízos e realocar cerca de 17 mil moradores de quatro bairros de Maceió que sofrem há meses com o afundamento do solo em área próxima a uma mina de sal da empresa.

A Braskem vai destinar R\$ 1.7 bilhão a um programa de reparação dos prejuízos às vítimas e realocação dos moradores. A empresa prevê ainda gastar R\$ 1 bilhão para fechar os poços de extração de sal gema em Maceió. Mas, com o acordo, serão liberados R\$ 3.7 bilhões que estavam bloqueados por decisão judicial.

O anúncio do acordo fez as ações da Braskem fecharem em alta de 4,44% na Bolsa de Valores de São Paulo. Analistas avaliaram como positivo o fim das incertezas em relação à crise em Maceió. Em 2019, os problemas na extração de sal gema foram um dos motivos para a queda de 35% nas ações da Braskem.

Nos bairros de Pinheiro, Bebedouro, Mutange e Bom Parto, cerca de 4.500 edificações foram afetadas pelo afundamento do solo causado, segundo análise do Serviço Geológico do Brasil, pela mina de sal. Em 2018, a área chegou a sofrer com tremores de terra. A empresa sempre negou que tivesse responsabilidade no caso e, até novembro, estimava que o afundamento do solo teria afetado apenas 1.500 moradores.

A desocupação da área deve demorar até dois anos. O surgimento de rachaduras e crateras na cidade comprometeu vários imóveis e fez a prefeitura suspender processos de licenciamento de construções e empreendimentos nas áreas afetadas.

ENTRAVE PARA ODEBRECHT

Além de resolver o impasse com as autoridades de Alagoas, o acordo firmado ontem pela Braskem pode abrir caminho para a venda da empresa. A Braskem é controlada pela Petrobras e pela Odebrecht e é considerada um dos principais ativos da empreiteira, que está em recuperação judicial, com dívidas de R\$ 98,5 bilhões. A falta de uma estimativa para os valores da reparação que a Braskem teria de pagar em Maceió era apontada como o maior entrave para a venda da empresa.

A atividade de mineração de sal em Alagoas remonta a 1975 e passou a ser executada pela Braskem após a consolidação do setor petroquímico no país, que formou a companhia. O mineral é usado na fabricação de insumos como cloro para a produção de PVC.

Segundo a Braskem, “o acordo prevê a restituição de aproximadamente R\$ 3,7 bilhões, até então bloqueados do caixa da empresa”, sendo que uma conta que

vai custear a compensação financeira e a realocação das famílias receberá R\$ 1,7 bilhão. “Além disso, a empresa manterá um seguro-garantia de R\$ 2 bilhões” e também “R\$ 1 bilhão para cobrir eventuais reparações ambientais”.

(Com agências internacionais)

VEÍCULO: O Globo

Data: 04/01/2020

Seção: Colunas

Autor: Míriam Leitão

Título: Em um mundo sem moderação

As crises no Oriente Médio sempre vinham para a economia como choques de preços de petróleo e seus derivados. Ontem, depois do assassinato pelos Estados Unidos do general iraniano Qassem Soleimani, a cotação do barril do brent teve forte alta, mas não disparou. Isso reflete a grande mudança que houve no mundo entre produtores e importadores de petróleo, na opinião do economista José Pio Borges, do Centro Brasileiro de Relações Internacionais (Cebri). Desde a revolução do shale gas e shale oil, os Estados Unidos passaram de grandes importadores a exportadores. Por isso, José Pio acredita que haverá volatilidade, mas não uma alta descontrolada dos preços.

— Os americanos importavam 12 milhões de barris/dia e hoje produzem 15 milhões, são os maiores produtores do mundo e são exportadores. Isso mudou a natureza e a intensidade do interesse americano no Oriente Médio — diz o presidente do Conselho Curador do Cebri.

Ainda assim, o mundo amanheceu ontem tenso com os possíveis desdobramentos dessa morte. Soleimani era pessoa-chave para a estruturadas forças de segurança do Irã e considerado um herói. Tinha fama de invencível e, segundo a “Economist”, deve ter acreditado no mito. Desembarcou em Bagdá sem maiores cuidados. Logo depois, estava morto em um ataque certeiro disparado por drones americanos. O governo de Teerã prometeu vingança e “retaliação severa”.

O dia amanheceu com estresse nos mercados de moedas e petróleo, mas no meio da tarde todos os movimentos ficaram mais suaves.

— Quando o petróleo supera US\$ 60 ou US\$ 65, a oferta aumenta rapidamente. Por isso não acredito em pressão de alta acima desses níveis, acho que pode ter pressão de baixa, com aumento de ofertas. Foi anunciada, há pouco mais de um mês, uma descoberta gigantesca de reservas de petróleo no Irã. Se for confirmada e se a situação se acalmar, a tendência será de queda dos

preços. Para o setor de petróleo no Brasil, nada muda, porque o custo de produção do pré-sal está bem abaixo disso, em torno de US\$ 20 e sempre caindo — diz Pio Borges.

Um efeito no país pode ser o aumento de preços dos combustíveis, principalmente se houver fortalecimento do dólar. A política de preços da Petrobras será novamente posta à prova.

Essa é mais uma crise, das muitas dos últimos tempos, como a do bombardeio das refinarias sauditas em Abqaiqe Khurais, atribuído ao Irã: — Mesmo com todos os protestos dos sauditas na época do atentado, o governo de Riad não apresentou queixa formal contra o Irã na ONU. Esse sinal e o silêncio dos países de maioria sunita — o Irã é de maioria xiita — mostram que há preocupação com o agravamento da crise na região

O problema hoje é o enfraquecimento da diplomacia e dos mecanismos de solução de conflitos, segundo análise feita por diplomatas no podcast jornalístico britânico The Globalist. O governo de Donald Trump age sempre de forma errática, e nunca se sabe ouvindo quem. As diplomacias profissionais vêm sendo postas de lado em vários países do mundo — China, Estados Unidos, Reino Unido, Brasil — e as instituições multilaterais estão sendo esvaziadas. Isso é mais grave do que qualquer evento isolado porque eleva a instabilidade global. Pio Borges concorda com a análise.

— Pode-se ver esse fenômeno (do afastamento dos profissionais da diplomacia) no episódio da malfadada conversa com o presidente da Ucrânia que está embasando o processo de impeachment. Embaixadores de carreira foram afastados com interferência do advogado de Trump, Rudolph Giuliani. Há subsecretarias do Departamento de Estado vagas. Entre 10 a 20 cargos de segundo escalão não foram preenchidos — diz Pio.

Em momentos como o de ontem, após um ato bélico inesperado do presidente americano e sem autorização do Congresso, deveria haver uma coordenação entre os Departamentos de Defesa e de Estado: — A diplomacia é tão importante quanto a estratégia da defesa. Essas decisões erráticas do presidente Trump não demonstram haver uma ação organizada. Além disso, o multilateralismo está em crise. É até irônico o fato de que, no comércio, a China, que teve tanta dificuldade de ser aprovada na OMC, seja hoje a grande defensora da organização multilateral.

Isso eleva o grau de risco no mundo hoje. A política internacional tem sido feita pelos presidentes com os círculos de assessores próximos, não há coordenação entre agências governamentais e o multilateralismo está sob ataque. O mundo

está ficando sem instâncias de moderação para deter a escalada de qualquer conflito.

VEÍCULO: O Globo

Data: 04/01/2020

Seção: Colunas

Autor: Ancelmo Gois

Título: O pré-sal e a crise EUA-Irã

Previsões erradas sobre o futuro do petróleo jorram abundantes desde a primeira grande crise do setor, nos anos 1970. Ainda assim, o diretor-geral da ANP, Décio Oddone, arrisca dizer que, a exemplo do que ocorreu em setembro com o bombardeio às refinarias da Arábia Saudita, essa crise EUA-Irã não deve afetar a oferta do produto. “A produção cresceu fora da região de conflito. A americana não para de crescer e mesmo o Brasil, modéstia à parte, passou a ser um importante exportador, com cerca de 1,1 milhão de barris por dia”.

VEÍCULO: Correio Braziliense

Data: 04/01/2020

Seção: Política

Autor: Rodolfo Costa e Ingrid Soares

Título: Preocupação com alta do petróleo

O presidente Jair Bolsonaro convocou uma reunião para a próxima segunda-feira, com o objetivo de debater com o presidente da Petrobras, Roberto Castello Branco, e com ministros e técnicos da área econômica os impactos da alta do preço do barril de petróleo no mercado interno. Diante da perspectiva de alta da commodity e do dólar — dois insumos da política de reajuste de preços da estatal —, a ideia é discutir medidas para atenuar impactos que o conflito entre Irã e Estados Unidos podem provocar no preço da gasolina e do óleo diesel ao consumidor. A intenção do chefe do Executivo é incentivar a abertura do mercado de combustíveis. Ele promete não intervir na autonomia da empresa pública.

A reunião terá a presença de ministros e técnicos da Petrobras e da área econômica do governo. Bolsonaro garante, contudo, que o encontro é para discutir o diagnóstico sobre o cenário internacional e eventuais medidas para mitigar os efeitos da alta do dólar, que subiu, ontem, 0,74%, e do preço do barril de petróleo do tipo Brent, que avançou 3,64%, na composição do reajuste que, em breve, deve ser anunciado pela empresa pública.

Bolsonaro sustenta que não há qualquer intenção em intervir na política de preços da estatal, ainda que assessores próximos do presidente não descartem

a possibilidade, sobretudo se a tensão entre Irã e Estados Unidos for duradoura. “Nós optamos por isso e não vamos interferir. Agora, sabemos o quanto isso impacta toda a nossa economia, cujo produto final, gasolina e diesel, já está bastante alto. O povo quer que diminua o preço do combustível, com razão, mas não podemos tabelar”, declarou o comandante do Planalto, em entrevista ao programa Brasil Urgente, da TV Bandeirantes.

Adiamento

A posição encontra alinhamento com a Petrobras. Em nota, a empresa informou, ontem, que seguirá acompanhando o mercado e decidirá “oportunamente” sobre os próximos ajustes nos preços. Ressaltou, contudo, que não há “periodicidade pré-definida” para a aplicação de reajustes. Ou seja, ainda é incerto quando serão corrigidos os custos da gasolina e do diesel nas refinarias, mas, a depender da continuidade da oscilação do dólar e do petróleo, o ajuste virá.

O governo espera, assim, estar preparado para discutir ações capazes de atenuar os impactos. Estarão na mesa do governo o debate sobre a elevação da importação de gasolina e diesel, bem como a venda de refinarias da Petrobras, que detém 13 das 17 em funcionamento no país. Em 2019, foram anunciadas oito delas, que devem ser leiloadas este ano. O objetivo é apresentar ao consumidor um meio-termo que não aponte para a intervenção ou o tabelamento. “Vou conversar com quem entende. O Brasil está dando certo porque não meto o bedelho em tudo, busco informações. (...) Já fizemos no passado a política de tabelamento e não deu certo. Na questão de combustível, temos de quebrar monopólios”, ressaltou.

3,64%

Elevação do preço do barril de petróleo do tipo Brent

Corte no ICMS

Uma alta mais acentuada no preço do petróleo poderia ser compensada no mercado doméstico por reduções na alíquota do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) de combustível, sugeriu, ontem, o presidente Jair Bolsonaro. “A gente apela para governadores. Vamos supor que aumente 20% o preço do petróleo, vai aumentar em 20% o preço do ICMS. Não dá para uns governadores cederem um pouco nisso também? Porque todo mundo perde. Quando você mexe em combustível, toda a nossa economia é afetada”, declarou. O ICMS é um imposto estadual e representa, em média, um terço do custo final dos combustíveis. Pela legislação atual, cada estado define sua alíquota de ICMS sobre os combustíveis. O imposto estadual incide sobre o preço

médio de cada combustível — valor atualizado pelo Conselho Nacional de Política Fazendária (Confaz).

Possibilidade de intervenção

Por mais que o presidente Jair Bolsonaro diga o contrário, a probabilidade de ele não intervir na política de reajuste da Petrobras é baixa, a depender do tempo de duração da crise entre Estados Unidos e Irã. E esse é um cenário provável na avaliação do economista Cláudio Frischtak, presidente da Inter.B Consultoria Internacional. Para ele, o envio de tropas americanas para o Oriente Médio reforça uma escalada da tensão. “É uma ação que você sabe onde começa, mas não sabe onde termina. Se eu tivesse que adivinhar, o presidente vai intervir caso as tensões explodam, e o petróleo suba abruptamente. Não há dúvida disso”, analisou.

O especialista considera, também, que a Petrobras ainda não tem completa autonomia para repassar o preço. “Principalmente para o diesel, que é o que realmente pesa mais. O que pode acontecer é ela repassar plenamente ou até mais do que plenamente para a gasolina, e fazer um subsídio cruzado para o diesel”, ponderou.

Já o coordenador-técnico do Instituto de Estudos Estratégicos de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (Ineep), Rodrigo Leão, apontou para outros desafios. O cenário projetado por ele sugere um ambiente complexo, com pressões exercidas por importadores e caminhoneiros, caso o preço do barril de petróleo continue subindo. “Os importadores vão pressionar por reajuste rápido. Os caminhoneiros vão pressionar para que não suba. A Petrobras ficará no meio do caminho, mas a tendência é de que optem pelo reajuste, resultando em uma queda de braço. A primeira coisa a ser feita é manter a calma”, destacou.

O governo, contudo, não prevê uma escalada da alta do preço do petróleo. “Há poucas semanas (em setembro), tivemos um ataque de drones a refinarias na Arábia Saudita e houve um pequeno aumento do petróleo. Conversei com o Castello Branco e ele acha que esse pico de reajuste, agora (ontem), de aumento vai ser semelhante ao ocorrido no ataque dos drones. Ele acha que um pouco disso vai se acomodar”, justificou, numa referência ao presidente da Petrobras, Roberto Castello Branco. (RC e IS)

“É uma ação que você sabe onde começa, mas não sabe onde termina. Se eu tivesse que adivinhar, o presidente vai intervir caso as tensões explodam, e o petróleo suba abruptamente”

Cláudio Frischtak, economista

Viagens a Davos e Índia

O presidente Jair Bolsonaro disse ainda que sua viagem à Suíça, onde participará do Fórum Econômico Mundial de Davos, e à Índia estão confirmadas, mas que a repercussão da morte do general iraniano Qasem Soleimani, em ação militar dos Estados Unidos em Bagdá, no Iraque, pode afetar a agenda de chefes de Estado. “A gente não sabe até que ponto pode impactar também, não a minha viagem, mas as de todos os chefes de Estado para Davos, nessa questão. Há uma ameaça do Irã de retaliações e estamos aguardando. Por enquanto, está mantida”, ressaltou.

As declarações foram dadas no Hospital DF Star. Pela segunda vez no mesmo dia, o presidente visitou a primeira-dama, Michelle Bolsonaro, que está em recuperação, após passar por cirurgia. Ela se submeteu a procedimentos para a troca da prótese de silicone e para correção de diástase no músculo do abdome e de hérnia umbilical.

O cirurgião responsável, Régis Ramos, disse ainda que a primeira-dama está bem e que sua recuperação superou as expectativas. Os procedimentos duraram 4h30, e a previsão de alta é para hoje.

VEÍCULO: Correio Braziliense

Data: 04/01/2020

Seção: Política

Autor: Catarina Loiola e Gabriel Pinheiro

Título: Temor de disparada dos preços nas bombas

Os consumidores estão apreensivos com uma possível disparada dos preços da gasolina, caso a tensão no Oriente Médio se agrave e perdure por muito tempo. A crise na região ganhou dimensões inesperadas depois de um ataque aéreo feito pelos Estados Unidos ao aeroporto de Bagdá, no Iraque, que matou o major-general Qasem Soleimani, responsável pela crescente influência militar do Irã no Oriente Médio e um herói entre muitos iranianos e xiitas da região. Ontem, o preço do barril do petróleo tipo Brent avançou 3,64%.

Segundo o presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Combustíveis e de Lubrificantes do Distrito Federal (Sindicombustíveis-DF), Paulo Tavares, as promoções que os postos estão realizando pode ser derrubada com o possível aumento nas refinarias. Ele avisou que, se os preços aumentarem, não haverá alternativa aos postos senão repassar a alta para os consumidores. Tavares disse que o repasse poderá ser mais rápido, porque os estoques dos postos estão acabando. Assim, se o combustível que chegar já vier com aumento, os motoristas devem preparar o bolso.

Tavares espera que o governo faça jus ao prometido: atrelar o preço do barril às variações da moeda americana não só quando está em alta. “O dólar baixou e não houve nenhum movimento da parte do governo. Já são quase dois meses sem reajuste, sendo que o dólar baixou para caramba”, destacou.

Ao longo do ano passado, a gasolina ficou, em média, 4,85% mais cara nas bombas, segundo a Agência Nacional do Petróleo (ANP). O litro do combustível subiu de R\$ 4,34 no fim de 2018 para R\$ 4,55 ao término de 2019. No entanto, o etanol teve elevação maior, com reajuste de 11,51% em 2019. A Petrobras não quis se pronunciar quanto à possibilidade de aumento do preço do barril nas refinarias.

Pesquisa

O consumidor brasileiro já começou a correr aos postos para abastecer antes do possível aumento. No DF, o menor preço pode ser encontrado a R\$ 4,31, no Posto Petrolino, em Taguatinga Centro. Já os maiores estão nos postos da Asa Norte, que vendem o litro da gasolina por R\$ 4,49.

De quinta para sexta-feira, alguns postos reduziram o preço do litro da gasolina na Asa Norte. O Jarjour e o Petrobras, das quadras 206 e 208, abaixaram de R\$ 4,49 para R\$ 4,43. Os postos Petrobras das quadras 212 e 214 também fizeram o mesmo, de R\$ 4,44 e R\$ 4,43, respectivamente, para R\$ 4,42.

A bancária Sonia Bonincontro, 67 anos, disse que o preço ficou bem mais alto nos últimos tempos. “Eu consumo dois tanques por mês e isso acaba pesando muito no meu orçamento”, frisou. Ela destacou que em Brasília não se vive sem carro. “Pode ser que acabemos ficando presos em casa. Podemos até tentar diminuir as saídas ou organizar de alguma outra forma para não comprometer o orçamento.”

Ela acredita que com a crise entre os Estados Unidos e o Irã, não só o preço da gasolina vai subir, mas também o valor do botijão de gás. “Isso pode ter muita influência nos preços. Acho que vai refletir bastante.”

O engenheiro mecânico Eduardo Valente, 65, sentiu o aumento do preço do diesel ao longo do ano. “Em janeiro do ano passado, abasteci por R\$ 3,20 o litro. Agora, está quase R\$ 4”, contou. Segundo ele, a saída para que o brasileiro pare de gastar com combustível são os carros elétricos. “Na Inglaterra, a venda de carros elétricos supera a venda de carros por combustão. Aqui no Brasil, a venda em massa nem começou. Não sei se por falta de planejamento do governo ou por falta de interesse mesmo”, ressaltou. “Lá fora, as empresas compram o carro elétrico por US\$ 30 mil. Se o dólar estiver a R\$ 4 aqui, o carro sai por R\$ 120 mil, mas vendem por mais de R\$ 200 mil, para impedir que o

povo tenha acesso e para que continuemos reféns dos preços enormes da gasolina”, criticou.

*Estagiários sob a supervisão de Cida Barbosa

MME / ASCOM .